

# al-masam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 2) Jul. 2022

## CARTA ARQUEOLÓGICA SUBAQUÁTICA DE PORTUGAL

**Espártaco no  
Monte Vesúvio**

**A necrópole islâmica  
do Arneiro, Carcavelos**

**Artes do couro no  
medievo peninsular:  
selas, arreios, escudos**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada

# Pelas competências nos vamos perdendo...

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A história é bem conhecida. O trabalhador faz o buraco no passeio com todo o seu cuidado, afunda-o quanto lhe parece necessário, enquanto o colega o observa atentamente. Acabada a tarefa, descansam os dois, para fumar um cigarrinho. Uns dez minutinhos depois, o primeiro avança uns dez metros, começa a levantar a calçada, os pequenos paralelepípedos um a um, sem pressas, e o outro pega na pá e encarrega-se de tapar o buraco, ajeitando o melhor que pode as pedras retiradas. E assim por diante. Um dos vizinhos fica intrigado e não resiste a perguntar:

“– Não percebo. Então você abre e o seu colega fecha, assim sem mais nem menos?”

– Sabe, amigo, é que nós somos três: eu abro o buraco e aqui o meu camarada tem por obrigação tapá-lo. Aconteceu que o nosso camarada encarregado de trazer as árvores para plantar ficou com covid e telefonou a dizer que não vem”.

Pois.

Amiúde nos interrogamos, por exemplo, com as equipas de arranjo em postes elétricos ou de telefone: vêm três ou quatro, um sobe ao poste, os outros ficam em baixo a ver se tudo corre bem.

Admirei-me, há anos, quando vi chegar a equipa de um canal de televisão que vinha gravar imagens para o indicativo de uma série. Uma caterva! Um era o motorista, outro pegava nos cabos, dois eram os câmaras, eu dava opiniões, a realizadora da série dava ordens, um outro segurava nos holofotes... Compreendi, então, ao vivo, o que significa o bem longo rol de pessoas que compõem a equipa numa gravação, por mais singela que seja.

O mundo das competências e da especialização cada vez mais importante e necessária e compreensível.

Sabe-se, por outro lado, quanto importa, hoje, passar por diferentes estádios, a fim de ganhar múltiplas competências. A constante rotatividade de pessoas de um serviço para outro numa instituição (agora, ficas de rececionista, amanhã dás apoio a consultas, depois de amanhã atendes na secretaria...) constitui norma geral, que já não causa perplexidades.

**“Sabe-se [...] quanto importa, hoje, passar por diferentes estádios, a fim de ganhar múltiplas competências. A constante rotatividade de pessoas de um serviço para outro numa instituição [...] constitui norma geral, que já não causa perplexidades. Aplicada, porém, às competências de entidades, essas regras mudam de figura e causam-nos mais estranheza.”**

Aplicada, porém, às competências de entidades, essas regras mudam de figura e causam-nos mais estranheza, porventura, do que ao vizinho que vira os abre e tapa buracos, na medida em que (e a imagem, nesta Primavera de 2022, poderá ser bem pertinente!) insistentemente se proclama “*Em tempo de guerra não se limpam armas!*”, que é como quem diz, usando outro aforisma, “*para grandes males grandes remédios*”.

Quando, por exemplo, é a preservação dum património cultural relevante que está em causa, todas as boas vontades se devem ajuntar.

Assim aconteceu em Cascais, onde, depois de longos anos de negociações (algumas ainda em curso), os fortes da orla marítima, já há muito desafectados das suas funções militares e em risco de ruína, foram, pouco a pouco, entregues pelo Património do Estado ao Município e a outras entidades, como a Faculdade de Ciências para instalação do prestigiado Laboratório Marítimo da Guia, outrora chamado ‘do Museu Bocage’ e agora pólo do MARE - Marine and Environmental Sciences Centre.

Pode ver-se uma panorâmica dessa reutilização em <http://hdl.handle.net/10316/24359>.

Podes, porém, um dia receber uma carta assim: *“Suponho que te recordes de há cerca de um ano te ter perguntado se aceitarias participar num júri de catedrático aqui na Universidade. Infelizmente, fomos obrigados a alterar a composição desse júri, porque o decreto lei que saiu em Dezembro para progressão na carreira obriga a que os júris tenham equilíbrio de género... Assim, para que isso aconteça, diminuímos o tamanho do júri, saindo homens, neste caso os homens já reformados/jubilados e eu próprio. Quero, por um lado, pedir-te desculpa desta alteração e, por outro, agradecer-te a disponibilidade que mostraste para este concurso, bem como para outros anteriores”*. E porventura comentarás: *“Estranho mundo este em que, por cega obediência a modas a ganhar estatuto de lei, o critério do género prevalece sobre o da competência!...”*

## Castro Verde

Passei por Castro Verde, vila a que, em meu entender, pese embora a sua escassa população (isso dos votos é sempre um problema...), importa dar maior atenção.

Há a campanha para atribuir uma classificação de valor universal à sua Basílica Real, para além de já ser monumento nacional: *“A escala grandiosa do edifício projetado por João Antunes, célebre arquiteto das ordens militares de Santiago e Avis, torna-o numa referência marcante na silhueta urbana, visível à distância. Mas o monumento é igualmente notável pelo seu património integrado e móvel, com destaque para os ciclos de azulejaria e pintura mural – nos quais se exalta a importância nacional daquele acontecimento bélico –, os altares de talha dourada e policromada e o imaginário mariano”* – escreveu-se no texto de publicidade.

Pelas suas características ímpares, o território castrense foi classificado pela UNESCO como Reserva Mundial da Biosfera – e é um encanto ver as abetardas e passar pelo Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalinho, o ai-jesus da Liga de Protecção da Natureza. No entanto, para além do Museu da Ruralidade – cuja visita também se impõe – há em Castro o Museu da Lucerna. E é este último que sofre na pele, digamos assim, os malefícios do jogo das competências.

Aconteceu que em Santa Bárbara de Padrões se encontraram centenas de lucernas romanas votivas. Um espólio único, a que o casal Maia – como nos habituámos a chamar aos saudosos Maria Adelaide Maia e seu marido Manuel – prestou a devida atenção, não apenas através da publicação, em 1997, pelo Núcleo de Arqueologia da Cortiçol, do livro *Lucernas de Santa Bárbara*, da autoria justamente de Maria Garcia Pereira Maia, mas sobretudo pela criação desse Museu da Lucerna, já de renome internacional, como é sabido. Aí se mostram dezenas de lucernas, das centenas dos mais variados tipos e decorações, que há em depósito, além do chamado signário de Espanca, um documento único da “escrita do Sudoeste”.

Sobejamente se tem reconhecido a relevância histórico-arqueológica da zona, quer pelo valioso espólio arqueológico que se dá como aí tendo sido encontrado (<http://hdl.handle.net/10316/31736>), quer por estar a ser cada vez mais consentânea a hipótese de que foi, porventura, em Santa Bárbara de Padrões que se localizou a cidade romana de *Arandis* ou *Arannis*, que consta de repertórios antigos. João Pedro Bernardes teve ocasião de o demonstrar no artigo “A propósito da localização de *Arannis* / *Arandis*” (*Conimbriga*, 45 (2006): 153-164). Aliás, não é por acaso que está em Castro a Extensão de Arqueologia da Direcção Regional da Cultura do Alentejo!

Que tem a ver Castro Verde com o preâmbulo em que se falou de buracos e de competências?

Nasceu o Museu da Lucerna da iniciativa da CORTIÇOL – Cooperativa de Informação e Cultura, a que, desde o início, a SOMINCOR – Sociedade Mineira de Neves Corvo, S. A., empresa concessionária das minas de Neves-Corvo, não regateou mui lúcido apoio. Ora, a sua manutenção e, sobretudo, o seu desenvolvimento vão requerer que se sentem à mesa as entidades que poderão, em conjunto, ter competência para o efeito: a CORTIÇOL, a Direcção Regional da Cultura e a própria Câmara Municipal. Um ‘assento’ que não pode tardar, como se compreende. O Museu da Lucerna constitui, na verdade, um dos muitos casos que, por esse Portugal afora, haverá – numa espera, sempre longa de mais, de que as competências se deslindem e assumam.

Um dos encantos do Rio Grande do Sul, no Brasil, são as ‘colónias’ espalhadas pelo seu interior, redutos da ‘colonização’ aí concretizada pelas sucessivas levas dos que, do interior da Europa flagelada pela II Grande Guerra, ali buscaram refúgio. Outro, quicá pouco conhecido, é o facto de, num recanto desse estado brasileiro, se falar o pomerano, uma língua baixo-saxónica que já nem é falada na região do Mar Báltico donde fugiram as gentes que, no Brasil, capricharam em manter a sua língua nativa.

A evocação do pomerano e das ‘colónias’ que houve ensejo de visitar, em Maio de 2008, por ocasião do VI Encontro Nacional de História Antiga, organizado pela Universidade Federal de Pelotas, surgiu-me porque nos movimentamos sempre, queiramos ou não, pelos meandros duma memória a preservar. Por outro lado, de então me ficou a suave imagem duma das colónias, a São Manoel, onde se instalaram, em 1883, imigrantes de origem italiana; aí, no Moinho Gottinari ou Templo das Águas, Martha e Marco Gottinari ajeitaram amplo labirinto no meio do canavial que bordeja

sussurrante arroio em cachoeira. Davam-se voltas e voltas e lograva-se, por fim, encontrar a saída!...

Que para o Museu da Lucerna – e para tantos outros casos idênticos em longas expectativas de mui desencontradas competências – depressa se dêem as necessárias voltas e se encontre uma saída feliz!

*José d'Encarnação, Cascais, 27 de Abril de 2022*

**Toda a glória, beleza  
e alguma incerteza (terrena)  
que paira nas estrelas!**



Ilustração: José Luís Madeira, 2022.